

Considerações acerca da “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*] no pensamento de Hannah Arendt

Considerations about the "technification of existence" [*Technisierung des Daseins*] in the thinking of Hannah Arendt

Lara Emanuele da Luz
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

lara.emanuele13@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8383449817767700>

Resumo

A questão da técnica e da tecnologia está implícita no pensamento de Hannah Arendt, sobretudo em A Condição Humana. Segundo ela, a técnica moderna inicia no século XVII e finda em meados do século XX. Já a tecnologia, inicia em meados do século XX. Arendt utiliza o termo técnica, ao designar a dinamização desta, em quatro passos, em *Denktagebuch*, no ano de 1954. Quatro anos depois, em 1958, em A Condição Humana, a autora aborda os três passos da tecnologia, utilizando-se de dois já contidos anteriormente, em 1954. É possível observar que ela passa a usar o termo tecnologia para designar a técnica no século XX, e a continuação da mesma. Uma única diferença perceptível, no que se refere a isso, é que parece que a teórica política se refere a tecnologia frente ao surgimento das primeiras explosões atômicas. A diferença aqui é que se antes, até o século XX, não havia o perigo da destruição do mundo que habitamos, a partir do referido século, com as bombas atômicas, se faz presente isso. Apesar dela nunca ter criado uma filosofia da técnica ou da tecnologia, tal tema é relevante, de modo que é possível extrair aspectos implícitos em seus escritos. Isto torna-se significativo na medida em que Arendt, ainda em julho de 1954, escreve em seu diário *Denktagebuch*, o termo “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*], que ela não define. Porém, o caracterizamos e o entendemos como um domínio da técnica e da tecnologia sobre o homem, provocando o fim da política. Nestes termos, o que ocorre então é que o homem de ação, ou seja, a própria política vai se findando, diante da “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*], em que o homem visa a técnica e a tecnologia, e pode ser dominado por ela, deixando de lado seu ímpeto fundamental, que, segundo a visão arendtiana, seria a política, na qual o homem se realiza.

Palavras-chave

Animal laborans, Tecnificação da existência [*Technisierung des Daseins*], Técnica, Tecnologia.

Abstract

The question of technique and technology is implicit in the thinking of Hannah Arendt, especially in A Condição Humana. According to her, modern technique begins in the 17th century and ends in the mid 20th century. Already the technology, begins in the middle of 20th century. Arendt uses the technical term, in designating the dynamization of this, in four steps, in *Denktagebuch*, in the year 1954. Four years later, in 1958, in A Condição Humana, the author addresses the three steps of technology, using two already contained previously, in 1954. It is possible to be observed that she goes to use the term technology to designate the technique in 20th century, and the continuation of the same. One only noticeable difference in this respect is that it seems that the political theory refers to technology in the face of the onset of the first atomic explosions. The difference here is that if before, until the 20th century, there was no danger of the destruction of the world that we inhabited, from that century, with the atomic bombs, if this is present. Although she has never created a philosophy of technique or technology, such a theme is relevant, so it is possible to extract implicit aspects in her writings. This becomes significant in so far as Arendt, in July 1954, writes in his diary *Denktagebuch* the term "technification of existence" [*Technisierung des Daseins*], which he does not define. However, we characterize and understand it as a domain of technique and technology over man, causing the end of politics. In these terms, what happens then is that the man of

action, that is, politics itself is ending, in the face of the "technification of existence" [*Technisierung des Daseins*], in which man aims at technique and technology, and can to be dominated by it, leaving aside its fundamental impetus, which, according to the Arendtian view, would be the policy in which man is realized.

Keywords

Animal laborans, Technification of existence [*Technisierung des Daseins*], Technique, Technology.

1. Considerações iniciais

Na obra *A Condição Humana*, da teórica política Hannah Arendt, há considerações implícitas sobre a técnica e sobre aquilo que ela chamará de tecnologia. Esta passagem, da técnica para a tecnologia, nada mais é do que uma mudança de uso dos termos. Em 1954, em seu *Denktagebuch*, Arendt, explana os quatro passos da dinamização da técnica na modernidade. São eles: (1) A produção de objetos a partir do material dado pela natureza como base; (2) a utilização de objetos produzidos para a produção, na qual se começam a usar forças naturais, e não só o material que a natureza proporciona; (3) máquinas de vapor e motores de explosão introduzem a época industrial, imitando as forças naturais e por fim, há (4) a eletrificação do mundo técnico, no qual desencadeiam-se forças naturais, onde não se produzem nem se utilizam. Curiosamente, cerca de quatro anos mais tarde, em 1958, em *A Condição Humana*, a autora vai subsumir o terceiro e o quarto passo da dinamização da técnica, nos dois primeiros passos do desenvolvimento da tecnologia, acrescentando mais um que não se fazia presente em 1954. Assim, o primeiro passo da tecnologia dizia respeito à introdução da máquina à vapor, que imitava os processos naturais; já o segundo passo referia-se a uso da eletricidade, e segundo Arendt, ela ditava o desenvolvimento técnico, e, por fim, o terceiro passo, é o da automação.

Nestes termos, o que Arendt fez foi transpor o desenvolvimento técnico para a tecnologia. Há uma mudança da utilização dos termos, porém, não há uma diferenciação totalmente explícita entre um e outro. O que podemos ressaltar é que a tecnologia seria a continuação do desenvolvimento técnico moderno identificado por ela. E também, que ela passa a se referir mais especificamente à tecnologia, a partir das primeiras explosões atômicas. (Cf. ARENDT, 2010, p. 07).

Assim, a técnica moderna dá-se a partir do século XVII, com a introdução da ciência natural nos processos humanos. Enquanto que a tecnologia teria se desenvolvido no século XX. Na técnica moderna, a transformação se dava, mas não alterava a mundanidade, no sentido de inverter as categorias de meios e fins. Por outro lado, a tecnologia altera esta relação de meios e fins:

Se a atual tecnologia consiste em canalizar forças naturais para o mundo do artifício humano, a tecnologia do futuro pode vir a consistir em canalizar forças universais do cosmo que nos rodeia para a natureza da Terra. Resta ver se essas técnicas futuras transformarão o lar da natureza, tal como o conhecemos desde o começo de nosso mundo, na mesma medida ou ainda mais do que a atual tecnologia alterou a mundanidade do artifício humano. (ARENDDT, 2010, p. 187).

Segundo a autora, o homem moderno é composto pelas três figuras, correspondentes a cada uma das três atividades da vida ativa, além, é claro, da vida contemplativa. A atividade do trabalho corresponde ao animal laborans. A da obra ou fabricação à do homo faber. E a da ação ao homem de ação, o único que pode ser propriamente político, porém, tanto o homo faber quanto o animal laborans são fundamentais para manter vivo o organismo e estabelecer a mundanidade, a relação de ser humano e mundo, juntamente com o homem de ação.

Sob esta ótica, pode-se afirmar que há, no final de *A Condição Humana*, um reconhecimento por parte de Arendt de que, na década de 50, década em que foi escrita tal obra, já havia uma dissolução do homo faber no animal laborans, de modo que a técnica e a tecnologia passaram a fazer parte do ciclo vital do ser humano, como bem observa André Duarte:

[...] a Revolução industrial, ao trazer a ampliação sem precedentes do âmbito das necessidades naturais e do trabalho e do consumo, trouxe consigo a transformação do homo faber, o tipo do homem moderno concebido como fabricante artesanal de obras duráveis, no animal laborans, o homem contemporâneo concebido como trabalhador constantemente empenhado na manutenção do ciclo vital da espécie e da própria sociedade em que vive. (DUARTE, 2010, p. 315 e 316).

E também, como salienta Adriano Correia:

A capacidade de reificação do homo faber foi absorvida, via industrialização e automação, pela dinâmica e pelo ritmo do trabalho do animal laborans em uma sociedade de empregados. Esse trabalho, distintamente da atividade da fabricação do homo faber, não produz como efeito identidade alguma, pois há uma alienação constitutiva do estar junto do animal laborans em relação a qualquer espaço de aparência, já que seu estar junto se dá sob a forma de amálgama. (CORREIA, 2014, p. 89).

Nesta perspectiva, perpassa por toda a obra *A Condição Humana* a questão da técnica e da tecnologia de modo implícito. Além disso, apresentaremos brevemente as consequências que ambas trazem à modernidade, como, por exemplo, a abstenção da ação, da possibilidade para a política. Pretende-se, portanto, explicitar estas características e refletir sobre a questão, com base no pensamento arendtiano.

2. A questão da técnica e da tecnologia

Hannah Arendt apresenta uma ascensão da técnica e da tecnologia na Modernidade. Seus escritos sobre isso possuem um caráter político, afirmando que o homem de ação¹, diante da técnica e da tecnologia, atinge o grau mais baixo dentro da vida ativa e torna-se mero *animal laborans*, destituído de política². Segundo Arendt, a *vita activa* possui três atividades, o trabalho, a obra e ação [*labor, work, action*], que deveriam relacionar-se de forma linear. Porém, com o advento moderno, a atividade que possui mais excelência, a ação, porque é ela que torna o homem político, passa a ocupar um lugar desprivilegiado. Primeiramente a obra atinge o ápice, ficando a ação em segundo lugar e por fim, o trabalho; e, posteriormente, com o decorrer da modernidade, o trabalho acaba por atingir uma posição de privilégio, ficando a obra em segunda posição, e a ação, atividade política, em último lugar.

Isto tem como consequência a elevação do *homo faber* na Era Moderna, e a diluição da obra em trabalho, como mostra Adriano Correia:

A grande transformação da obra em trabalho talvez se dê pelo fato de que todas as atividades que antigamente eram tidas como servis por possuírem somente relevância para as necessidades vitais privadas ganharam relevância pública com o aparecimento de um ponto de vista social, que só leva em conta o processo vital da humanidade, diluindo a fronteira entre o público e o privado. Concebendo todas as coisas como funções do processo vital, numa sociedade completamente “socializada”, como a sociedade de massas de operários, a distinção entre fabricação e trabalho passa a não ter sentido, sendo abandonada em favor do trabalho. (CORREIA, “O desafio moderno: Hannah Arendt e a sociedade de consumo”. In.: MORAES; BIGNOTTO, 2001, p. 236).

Ademais, Arendt apresenta mais um motivo da dissolução do *homo faber* no *animal laborans*. Tal motivo seria a objetivização e tecnificação do ser humano, que se dá a partir do desenvolvimento tecnológico, como veremos. Diante disso, afirma Dana Villa que a crítica da

¹ Um exemplo concreto de ação política, segundo Arendt, seriam os movimentos estudantis da década de 1970. Conforme apresenta ela, “[...] em 1970 estudantes universitários solicitaram tempo livre para poderem tomar parte na campanha eleitoral, e lhe foi concedido por algumas das maiores universidades. Era uma atividade política alheia à universidade possibilitada pelo reconhecimento desta de que os estudantes também são cidadãos”. (ARENDR, 1973, p. 175). Este é um exemplo do que é ação para Arendt. Isso significa que, “[...] quando o homem toma parte da vida pública abre para si uma dimensão de experiência humana que de outra forma lhe ficaria fechada e que de uma certa maneira constitui parte da felicidade completa”. (ARENDR, 1973, p. 175).

² Por que o *animal laborans* é destituído de política? Primeiramente, porque o homem é composto pelo *animal laborans*, que cuida de seu próprio metabolismo, pelo *homo faber*, que cria objetos e estabelece a relação de mundanidade, e pelo homem de ação, político por excelência. Tanto o primeiro quanto o segundo tipo, não podem ser políticos, na medida em que um cuida do próprio metabolismo, e o outro cria objetos para sanar suas necessidades e viver no mundo, sendo que estes dois dão estrutura ao homem político, que, sanada suas necessidades, pode ir à praça pública. Além disso, os dois primeiros não necessitam estar em meio a outros homens para se realizarem. Por outro lado, a política, para Arendt, sob esta ótica, se caracteriza pela pluralidade, pelo discurso e pela ação. Isso significa que o homem deve estar em meio a outros homens para exercê-la, deve agir espontaneamente, expressando, discursando, e desencadeando ações que são imprevisíveis, mas que modificam o ambiente em que todos estão inseridos.

tecnologia de Arendt: “[...] é motivada pelo fato de que torna o artifício impossível, e, assim, priva a humanidade de ‘um espaço’ para o exercício de sua capacidade de ação”. (VILLA, 1995, p. 201). Com introspecção e objetivização do homem, há uma privação do espaço público para exercer a política.

Contudo, a autora nunca desenvolveu propriamente uma filosofia da técnica³ ou da tecnologia. Porém, não podemos tomar como verdade que ela não refletiu sobre os efeitos de ambas na sociedade moderna. Ela reflexiona sobre isso em *Denktagebuch*, em *A Condição Humana*, em *Origens do Totalitarismo*, em *O Que é Política?*, em *A Promessa da Política*, em *Homens em Tempos Sombrios*, em alguns artigos de *Compreender: Formação, Exílio, Totalitarismo* e, por fim, em *Entre o Passado e o Futuro e Da Violência*. Porém, em todas estas obras a teórica política atribui uma conotação de preocupação frente à tecnologia⁴.

Exemplo disso é o termo utilizado por ela em suas anotações em *Denktagebuch*. Aqui, ela parece apresentar um “temor” em relação à tecnificação, utilizando o termo “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*] (ARENDR, 2002, p. 485⁵). Este, apesar de a autora não chegar a defini-lo, pode-se compreender, com base em nossa interpretação, que seria uma espécie de designação daquilo que a tecnologia pode fazer ao homem. Seu caráter seria não-positivo, a fim de caracterizar aquilo que ambas podem causar de mal ao homem, como por exemplo, a destruição causada pela bomba atômica. A grande preocupação arendtiana é com este avanço tecnológico, que caracteriza o termo “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*], que provoca a perda do mundo e o fim da política. Arendt não fundamenta este termo em uma filosofia da técnica, apenas o escreve em *Denktagebuch*, porém, a partir de nossa interpretação dos textos em que ela

³ A filosofia da técnica surge com um grupo de engenheiros filósofos na Alemanha, na Escola de Frankfurt. Estes refletiram a filosofia da técnica e tentaram pensá-la fora do âmbito da ciência. Ela surge na segunda metade do século XIX e se consolida na primeira metade do século XX. (Cf. CRAIA, 2003, p. 38-51). A Escola de Frankfurt possui um papel de grande importância no que se refere à filosofia da técnica. Fundamentada numa perspectiva marxista, alguns de seus herdeiros são Horkheimer, Marcuse, Adorno e Habermas. Segundo Mitcham, sobre a Escola de Frankfurt: “O enfoque central desta tradição pode se dizer, não é a aceitação e elaboração da tecnologia (tradição engenheril), nem o questionamento da tecnologia (tradição das humanidades), mas a análise e a crítica social”. (MITCHAM, 1989, p. 89). Por fim, segundo Craia, “[...] para os pensadores da Escola de Frankfurt a técnica moderna é um vetor de dominação do homem em, pelo menos dois registros; um destes registros implica a dominação do homem por parte da própria técnica, o outro se expressa na dominação do homem pelo mesmo homem. A operacionalização desta dominação se dá no fato de que o homem moderno da técnica só apreende as coisas enquanto as manipula, isto é, quando pode fabricá-las. Assim, o caminho obrigado desta disposição do homem técnico nos conduz a um mundo total e globalmente organizado e administrado, onde a resoluções de problemas ancestrais torna-se um tecnicismo a mais”. (CRAIA, 2003, p. 68).

⁴ É importante lembrar que a técnica a qual Arendt se refere é a técnica moderna.

⁵ “Sobre a técnica: antes que a ciência possibilitasse a moderna tecnificação da existência, dependia das técnicas em seus resultados “puros” da investigação, ou seja, dependia dos aparatos. Cf. Heisenberg e Koyré: relógio”. (ARENDR, 2002, p. 485).

trata da problemática, é possível observar que sua preocupação é com o avanço tecnológico que “tecnifica” o homem, e que destrói a política.

A autora salientava que a moderna ciência natural, como a física, por exemplo, sempre maneja “[...] a natureza a partir de um ponto do universo, fora da Terra”. (ARENDDT, 2010, p. 327). Para ela, a visão de mundo era desprovida de centro, diante do anseio dos homens de utilizar as leis cósmicas como modelos orientadores da ação humana.

Sob esta ótica, os seres humanos importavam os processos descobertos a partir da ciência para dentro da Terra. Os homens, com a ciência natural observam a natureza e tomavam conhecimento dela. Enquanto que outro tipo de “ciência” vigorava no mundo moderno, a da técnica, conforme aponta Arendt. Para ela, há uma linha que divide a Era Moderna e o mundo dominado pela técnica e a tecnologia⁶, peculiar dos últimos dois séculos, XIX, XX⁷. Porém, a técnica teria iniciado no século XVII e se desenvolvido até desembocar na tecnologia, no século XX.

A ciência universal, diferente da natural⁸:

[...] importa processos cósmicos para a natureza, mesmo sob o risco óbvio de destruí-la e, com ela, destruir o seu domínio sobre ela. O que nos ocorre em primeiro lugar, naturalmente, é o tremendo aumento do poder humano de destruição, o fato de que somos capazes de destruir toda a vida orgânica da Terra e de que, algum dia, provavelmente seremos capazes de destruir a própria Terra. (ARENDDT, 2010, p. 335).

Diante disso, Arendt entende que o domínio do homem sobre a natureza, algo peculiar à técnica, ameaça não apenas a vida humana, mas também a destruição do próprio planeta Terra. Portanto, é com a ciência universal que na Modernidade já vão se introduzindo os processos cósmicos para o interior do mundo. Assim, os homens podem criar novas máquinas que imitam a natureza. Esse novo poder corresponde a criar elementos, como os satélites, por exemplo, e até mesmo dividir um átomo que antes era indivisível, como afirmou Demócrito há milênios.

⁶ Curiosamente, apenas como nota para destacar brevemente esta questão, Arendt compreende a técnica moderna e a tecnologia do mesmo modo que Heidegger. Para ele, a técnica moderna domina e explora o ente. A natureza é posta a serviço da técnica, sendo violentada por ela. Ela impõe [Gestell] a natureza, ou seja, uma imposição, uma obrigatoriedade que vem da técnica. (Cf. HEIDEGGER, 2007, p. 381 e 382). A grande questão é que Arendt, ao tratar dos perigos da técnica e da tecnologia, refere-se a questões políticas, enquanto que para Heidegger, isto se dá no âmbito ontológico.

⁷ Interessante também é ressaltar que ela reconhece isso já no prólogo de A Condição Humana: “[...] a era moderna não coincide com o mundo moderno. Cientificamente, a era moderna, que começou no século XVII, terminou no limiar do século XX; politicamente, o mundo moderno em que vivemos hoje nasceu com as primeiras explosões atômicas”. (ARENDDT, 2010, p. 07).

⁸ Universal entendido aqui como Galileu e Newton já postulavam, afirma Arendt, que significa: “válido além do nosso sistema solar”. (ARENDDT, 2010, p. 336).

Nestes termos, da ciência natural desencadeia-se a ciência universal, e esta, por sua vez, com seus avanços, aliena o homem (Cf. ARENDT, 2010, p. 335), porque ele se volta para dentro de si, e perde a relação com seus semelhantes.

Diante disso, para ela, o grande problema de todo o desenvolvimento científico e técnico é que eles pretendem objetivar o indivíduo a criar apenas objetos, e também que o ser humano percebe que o seu maior adversário é ele mesmo: “[...] o homem perdeu a objetividade do mundo natural de tal modo que, em sua perseguição da ‘realidade objetiva’, subitamente descobriu que sempre ‘se confronta apenas consigo mesmo’”. (ARENDT, 1992, p. 340).

Desta forma, é em *Denktagebuch* que é possível extrair mais precisamente as características da técnica para ela. O sentido dela se dá a partir da dissolução entre a ação, a fabricação ou obra, e o trabalho. Para Arendt, a ação se dissolve em fabricação na Modernidade. Com isso, a técnica, e não a política passa a vigorar. A ação torna-se uma atividade produtiva. A fabricação necessita de uma ideia antes do ato de fabricar. O princípio de toda *poiesis*⁹ é a ideia, afirma ela, apresentando a dissolução moderna da fabricação na técnica, destituindo o *homo faber* de seu caráter positivo de criação:

A produção é *poiesis* e, como tal, criativa, confecção de algo novo, ou é técnica, no sentido da mera repetição da *poiesis* original e da mera utilização de forças e regras já encontradas. O início criativo original de toda *techne* é *poiesis*; e toda *poiesis* torna-se essencialmente uma técnica. (ARENDT, 2002, p. 283).

Aqui a técnica é entendida como a fabricação de algo. O pensamento corresponde à produção e à atividade do *homo faber*. O problema é que com o avanço dela e da tecnologia, o homem passa a criar máquinas que chegam a substituir sua capacidade de pensar, como o computador ou a calculadora, por exemplo. Assim, “No princípio de toda *poiesis* se encontra uma ‘ideia’. Na técnica se perde a ideia; isso é o que faz a rotina do ‘técnico’ da produção técnica”. (ARENDT, 2002, p. 283).

⁹ Apenas a título de curiosidade, é interessante observar a importância da *poiesis* para Platão, conforme aponta André Duarte: “Segundo Arendt, a filosofia ocidental se origina de duas concepções fundamentais do pensamento de Platão, as quais teriam implicações duradouras no contexto da tradição: a substituição da opinião (*doxa*) pelo conhecimento da verdade como atributo para a melhor forma de governo político; e a concepção da ação (*práxis*) política a partir do modelo da fabricação (*poiesis*) por meio da aplicação da doutrina das ideias ao âmbito da política, transformando-as em parâmetros de medida tendo em vista garantir maior previsibilidade aos assuntos humanos. A política passava assim a ser concebida como uma “arte” ou como uma “técnica” (*techné*) capaz de produzir artefatos duradouros e estáveis, complementando-se dessa maneira a recusa da opinião instável em favor da verdade eterna”. (DUARTE, 2000, p. 168). Esta passagem é importante, porque é uma crítica que Arendt faz a Platão. Devido ao fato de as opiniões atenienses - opinião tal que será característica fundamental na política para Arendt, já que o homem necessita expor sua opinião através do discurso, em meio a outros homens – serem instáveis, e por isso, a substituição da *doxa* pela *poiesis* dava mais estabilidade ao âmbito político.

Nesta perspectiva, é possível perceber que a atividade do *homo faber*, que possui a ideia antes de fabricar, é diferente da atividade da técnica, que não a possui, mas também é feita por ele, pois a técnica cria objetos, porém, através destes, não é possível aos homens se realizarem no mundo, estabeleceram a relação de mundanidade. A fabricação moderna, portanto, vai estabelecendo limites ao ser humano. Margarida Amaral apresenta muito bem a indistinção entre fabricação e o trabalho na Modernidade:

A nossa visão sobre esta capacidade de construir o mundo que é aquilo em que consiste o próprio trabalho alterou-se significativamente a partir da era moderna. Podemos comprovar esta alteração a partir de um olhar atento relativamente à valorização do processo sobre o próprio objecto fabricado, na produção industrial moderna. Quem pode negar que o que interessa na produção industrial não é a fabricação de objectos num mundo durável mas, pelo contrário, a continuidade de um ciclo de produção e consumo? E se a acção é a actividade que desencadeia processos e o labor é aquela que se relaciona com processos biológicos, o trabalho é a única das três actividades da *vita activa* que olha mais a fins produzidos do que aos processos que os desencadeiam. Neste sentido, o processo como ideia central da modernidade aponta para o declínio do trabalho. (AMARAL, 2010, p. 73).

Deste modo, a duração dos objetos no mundo fabricados pelo *homo faber* se convertem em produção e consumo, peculiar do *animal laborans*. Para Margarida Amaral, isto pode ser sim uma herança de uma era que se aliena a partir da cientificidade e depois, com os avanços tecnológicos. Isso “[...] representa para o homem comum uma perda significativa em termos de mundanidade, isto é, do encontro de um lugar onde efectivamente podemos habitar”. (AMARAL, 2010, p. 73). Ou seja, o avanço científico e tecnológico alienou e destituiu o ser humano de sua função enquanto *homo faber*, e de seu carácter positivo de criação enquanto fabricante da mundanidade.

Curioso e importante para tomarmos conhecimento é a dinamização da técnica na modernidade desenvolvida por Hannah Arendt no seu *Denktagebuch*. Para ela, isso acontece em quatro estágios:

1. A produção de objetos a partir do material dado pela natureza como base. Os instrumentos são produzidos na mesma maneira que os objetos servem para a produção. A vida humana se rodeia de seus próprios produtos, mas permanece sem repercussões no âmbito de sua própria realização como ser vivo.
 2. Assim como se utilizava objetos produzidos para a produção, se começam a usar forças naturais, e não só o material que a natureza proporciona. A água e o vento substituem o esforço humano. Com isso ocorre uma primeira penetração da natureza no âmbito da vida humana.
 3. Máquinas de vapor e motores de explosão introduzem a época industrial, produzem por imitação as forças naturais mesmas, de maneira que o âmbito humano da produção e do produzido é dominado pelas forças naturais produzidas.
- Pela decomposição do átomo chega a seu cume o último estágio, que começou com a eletrificação do mundo técnico: desencadeiam-se forças naturais, não se produzem, nem propriamente se utilizam. Os elementos mesmos penetram no mundo da vida humana. (ARENDR, 2002, p. 479 e 480).

No primeiro ponto, Arendt afirma que os objetos são produzidos, mas sem um fim específico para o ser humano, sendo apenas um meio, porque não há repercussão destes objetos para a realização humana. Na segunda etapa da dinamização da técnica, o homem começa a fazer uso das forças naturais, e não só dos objetos da natureza. Já na terceira etapa, as máquinas fazem a reprodução dos movimentos da natureza, trazendo para a realidade forças naturais produzidas através da imitação delas. E a última etapa se dá pela eletrificação do mundo técnico. Assim, as forças naturais são mecanizadas.

Esta dinamização da técnica apresentada por ela em *Denktagebuch* é escrita em uma nota de março de 1954. Já em *A Condição Humana*, quatro anos mais tarde, publicada em 1958, Arendt trabalha com os três estágios da tecnologia, que teriam vindo à luz com a automação:

O primeiro estágio, a invenção da máquina a vapor, que levou à Revolução Industrial, era ainda caracterizado pela imitação de processos naturais e pelo uso das forças naturais para finalidades humanas, que, em princípio, ainda não diferia do antigo uso das forças da água e do vento. [...] A novidade não era o princípio da máquina a vapor, mas sim a descoberta e o uso das minas de carvão para alimentá-la. As ferramentas-máquina [machine tools] desse primeiro estágio refletem essa imitação de processos conhecidos naturalmente; elas também imitam e intensificam o vigor das atividades naturais da mão humana. (ARENDR, 2010, p. 184).

Nestes termos, a terceira etapa correspondente ao desenvolvimento da técnica descrita em *Denktagebuch*, corresponde ao primeiro estágio da tecnologia apresentada em *A Condição Humana*.

Já o segundo estágio da tecnologia é caracterizado “[...] principalmente pelo uso da eletricidade, e realmente a eletricidade continua a determinar o estágio atual de desenvolvimento técnico”. (ARENDR, 2010, p. 185). A quarta etapa do desenvolvimento da técnica exposto em *Denktagebuch* é, portanto, tido em *A Condição Humana* como o segundo momento do desenrolar da tecnologia. Aqui, a categoria de meio e fim peculiar à atividade do *homo faber* perde seu sentido. O instrumento que era um meio para atingir um fim, já não é mais válido. Isso ocorre porque:

[...] agora já não usamos o material como a natureza nos fornece, matando os processos naturais, interrompendo-os ou imitando-os. Em todos os casos, alteramos e desnaturalizamos a natureza para nossos próprios fins mundanos, de sorte que o mundo ou o artifício humano, de um lado, e a natureza, de outro, permanecem como duas entidades nitidamente separadas. (ARENDR, 2010, p. 185).

Assim, diante desse estágio, o homem passa a produzir processos naturais com a ajuda da tecnologia. As forças naturais penetram no mundo humano. Isso acarreta “numa revolução do conceito de fabricação”. (ARENDR, 2010, p. 185). Esta, que antes da tecnificação era tida como

um processo de várias etapas, separados, agora é um único processo contínuo, como uma “esteira transportadora ou da linha de montagem”. (ARENDDT, 2010, p. 185). O homem fabricante, com a tecnificação, considera tudo como meio à sua disposição.

Por fim, o último estágio descrito em *A Condição Humana*, não estava presente em *Denktagebuch*. Este é a automação. O que acontece aqui é que o homem maneja a Terra, e não meramente desencadeia processos naturais. Deste modo, nos laboratórios nucleares, por exemplo, manejam-se energias que acontecem apenas no universo. O *homo faber*, ao produzir, primeiro extrai o material da natureza, depois produz. A coisa fabricada é diferente do processo de fabricação, porque a semente “[...] contém, e em certo sentido, já é a árvore, e a árvore deixa de viver se o processo de crescimento através do qual passou a existir for interrompido”. (ARENDDT, 2010, p. 187). A automação apresenta, portanto, o processo natural reproduzido como o artificial do *homo faber*. Devido a isso, Arendt identifica um caráter automático na automação, fazendo desaparecer a separação entre produção e produto, a categoria de meio para fim.

Sob esta ótica, o que acontece é que o *homo faber* serve ao processo instaurado pelas máquinas, e perde seu estatuto, que era o de produzir ferramentas para edificar o mundo. É por isso que a técnica e a tecnologia geralmente são vistas como algo negativo por Arendt, porque há uma “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*], na medida em que o homem pode perder seu estatuto político, por estar engendrado por processos tecnológicos, e também, devido ao perigo que esta pode causar: “[...] a aparentemente irresistível proliferação de técnicas e máquinas, longe de apenas ameaçar algumas classes com o desemprego, ameaça a existência de nações inteiras e, supostamente, de toda a espécie humana”¹⁰. (ARENDDT, 1973, p. 105).

Já para Oswaldo Giacóia Junior, muitos homens esqueceram a importância da técnica. “Os homens estão inclinados a considerar a técnica como a coisa mesma, como fim em si mesmo, como uma força com essência própria, e esquecer que ela é o braço prolongado do homem”. (GIACÓIA JUNIOR, 2001, p. 52).

¹⁰ Um outro exemplo interessante dos efeitos não-positivos do avanço técnico e tecnológico, é quando o homem se utiliza destes avanços de forma negativa. “O potencial destrutivo das novas armas é tão grande, e a possibilidade de destruição física dos países europeus parece tão iminente, que já não se considera o processo de tecnificação como algo antiespiritual ou esterilizador da alma, e sim como o potencial portador da pura e simples destruição física”. (ARENDDT, 2008, p. 435). A própria Arendt reconhece que, “[...] quando os europeus pensam em tecnologia, o que vêem [sic] não é um aparelho de tevê em cada lar, mas a nuvem em forma de cogumelo sobre Hiroxima”. (ARENDDT, 2008, p. 435).

Arendt pouco reconhece o caráter positivo que isso acarretou, como por exemplo, na descoberta de novas tecnologias como vacinas e aparelhos para curar determinadas doenças¹¹, por voltar-se mais em diagnosticar os males que o avanço técnico e a tecnologia traziam para o mundo naquele momento.

Para Arendt, conforme observa Sônia Schio, essa mecanização transforma a sociedade em uma sociedade de massas:

Sob outra perspectiva, a sociedade de massas possui um funcionamento que se assemelha ao labor: suas atividades são repetitivas, com a produção e o consumo. Arendt afirma que essa situação afasta ainda mais os seres humanos de si, dos outros, e até do próprio meio em que vivem, pois sequer percebem essa circunstância, concebendo-a como a única possível, e que se caracteriza por um circuito infundável e sem meta. A sociedade de massa transforma o humano em animal laborans: ele vive para produzir e consumir. (SCHIO, 2008, p. 29).

Neste sentido, para a teórica política, uma sociedade de massas é o mesmo que uma de consumo, e esta condena à ruína tudo, já que ela não pode nem consegue cuidar do mundo, haja vista o devir constante do consumismo. A partir disso:

[...] tal sociedade é essencialmente uma sociedade de consumo em que as horas de lazer não são mais empregadas para o próprio aprimoramento ou para a aquisição de maior status social, porém para consumir cada vez mais e para entreter cada vez mais. E, visto não haver suficientes bens de consumo para satisfazer aos apetites crescentes de um processo cuja energia vital, não mais despendida na labuta e azáfama de um corpo no trabalho, precisa ser gasta pelo consumo, é como se a própria vida se esgotasse, valendo-se de coisas que jamais foram a ela destinadas. (ARENDR, 1992, p. 264).

A sociedade de massas não precisa de cultura, mas apenas de diversão. Esta não consome os objetos culturais e nem os transforma em mercadoria. Já os produtos dela são:

[...] consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo. Os produtos necessários à diversão servem ao processo vital da sociedade, ainda que possam não ser tão necessários para sua vida como o pão e a carne. (ARENDR, 1992, p. 257).

Nos termos arendtianos, a diversão deveria ocupar um tempo vago na vida do ser humano. Deveria ser uma abertura, um verdadeiro espaço em meio ao ciclo do trabalho biológico condicionado, que, por um lado, apesar de inicialmente a autora criticar, por outro, diagnostica que os homens estão sujeitados neste grande ciclo vital e “[...] não passa de pura hipocrisia ou

¹¹ Um exemplo concreto do caráter positivo do avanço técnico e tecnológico que Arendt cita seria a descoberta do telescópio, mas isso não significa que este evento seja isento de um caráter ambíguo. Ela considera que este teria sido um grande evento da Modernidade, capaz de propiciar grandes avanços na ciência, mas que também simbolizava a ampliação do poder humano sobre o mundo. (Cf. ARENDR, 2010, p. 309).

esnobismo social negar que possamos nos divertir e entreter exatamente com as mesmas coisas que divertem e entretêm as massas de nossos semelhantes”. (ARENDDT, 1992, p. 259).

A única diferença é que aquilo que a indústria de divertimento fabrica e a sociedade de massas quer, é exatamente não querer cultura, apenas o divertimento delas, afirma Arendt.

A cultura perdura se o objeto cultural dura. Quem consome tais objetos é a própria vida. Esta não deveria tê-los para satisfazer as necessidades, porque estes devem ser duráveis, e não consumidos na mera função do processo vital. Afirma ela que, apenas no instante em que o lar terreno se torna mundo:

[...] no sentido próprio da palavra quando a totalidade das coisas fabricadas é organizada de modo a poder resistir ao processo vital consumidor das pessoas que o habitam, sobrevivendo a elas. Somente quando essa sobrevivência é assegurada falamos de cultura. (ARENDDT, 1992, p. 263).

Nesta perspectiva, com a vitória do *animal laborans* e a vida como bem supremo, Arendt diagnostica que, a partir das inversões e da elevação da tecnologia, para além de pouco otimismo, há uma abstenção do homem de ação, uma abstenção de política e de autenticidade, e também uma abstenção de cultura. O grande perigo que ela vê é realmente a “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*]. Apesar de não desenvolver o termo, nos seus escritos, e principalmente, no último capítulo de *A Condição Humana*, a preocupação é justamente esta, a de o homem transformar-se em *animal laborans*, também¹² por meio da técnica, e perder o ímpeto à política. Todavia, esta abstenção se dá a partir do momento em que o *animal laborans* volta sua atenção apenas para o processo vital do seu corpo, e consome absolutamente tudo que entra em contato com ele. Não permite que nada seja durável, nada permanece, tudo é um devir constante.

Assim, afirma Arendt: “O resultado não é, decerto, a cultura de massas, que em termos estritos não existe, mas sim o entretenimento de massas, alimentando-se dos objetos culturais do mundo”. (ARENDDT, 1992, p. 264).

Portanto, as inversões, a crise na cultura, a perda do espaço público, a perda do homem de ação, desembocaram na exaltação do trabalho e da vida. O que aconteceu, como diagnostica Daiane Eccel, é que: “o mero cuidado e manutenção da vida tornou-se a principal característica da sociedade de massas”. (ECCEL, 2015, p. 207).

¹² Utilizamos o termo “também”, para mostrar que há mais este sentido do animal laborans, condicionado pela tecnologia. Ou então, o sentido do animal laborans enquanto fruto do condicionamento pela “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*]. Adriano Correia apresenta três sentidos dele, diferente deste: “Indicarei que há pelo menos três sentidos principais do emprego da expressão animal laborans na obra de Hannah Arendt: como dimensão fundamental da existência condicionada pela vida; como produto da sociedade atomizada; e como mentalidade e ‘modo de vida’ extraídos das condições do mero viver” (CORREIA, 2014, p. 71).

Nestes termos, a alienação do mundo ocasionou a perda do homem de ação e a ausência de política, enquanto o *animal laborans* vigora. O diagnóstico pouco otimista arendtiano da Modernidade apresenta uma indistinção entre público e privado, acarretando no surgimento do social¹³, e também em uma dissolução da obra em trabalho, além de uma transformação da sociedade em uma sociedade de produtores e consumidores. O que aconteceu diante de toda nossa interpretação da obra arendtiana, é que o *animal laborans* e a exaltação da vida enquanto engendrados pela tecnologia, é que passaram a prevalecer na modernidade.

3. Considerações finais

Nos propusemos a trabalhar com os aspectos da técnica e da tecnologia no pensamento de Hannah Arendt. Tal temática não está elaborada de modo sistemático na autora, e também não constitui uma filosofia da técnica ou uma filosofia da tecnologia. Porém, diante dos aspectos implícitos em algumas de suas obras, de modo especial, em seu diário *Denktagebuch*, e em *A Condição Humana*, nos quais ela trabalha com a dinamização da técnica e os passos da tecnologia, foi possível extrair os aspectos necessários para trabalharmos com a temática.

Visto que a técnica ocorre no início da modernidade, no século XVII, até o limiar do século XX, e a tecnologia inicia no século XX, segundo ela, foi possível diferenciar ambas, e compreender o porquê da mudança de termos arendtiana.

Sob esta ótica, a implicação técnica e tecnológica para a cientista política, acarreta em implicações políticas, visto que sua preocupação em relação a este tema é justamente o fato de ocorrer a “tecnificação da existência” [*Technisierung des Daseins*] (termo não explicado por Arendt, como vimos), que se caracterizaria por apontar para os perigos que a tecnologia pode causar, desde o fim da política, onde o homem se realiza, na visão arendtiana, baseada no pensamento grego, desde a extinção de toda a humanidade e até mesmo do mundo, com o surgimento da bomba atômica, por exemplo.

Neste sentido, o tema proposto, apesar de trabalhar com um conceito não desenvolvido por Arendt, extrai os aspectos referentes a ele, baseando-se em uma nota de seu diário de pensamento, escrita em julho de 1954, o utilizando como base do desenvolvimento do presente artigo, e apontando a relevância deste tema, diante dos perigos que os avanços tecnológicos podem causar.

¹³ O espaço social seria: A esfera pública é transformada no espaço da administração técnica e burocrática em exclusiva atenção à lógica da manutenção da vida, preocupação que, na tradição da cultura ocidental refere-se unicamente à esfera da economia, ao âmbito doméstico. E é esta perda da fronteira entre o público e o privado, erigida historicamente que configura, na era moderna, a noção de esfera social. (SILVA; XAVIER, 2015, p. 233).

A ação, com o avanço técnico e tecnológico, parece assumir o papel do agir sobre a técnica. Enquanto que, na realidade, é a técnica que está exercendo seu poder sobre o homem. O agir político perde seu sentido na medida em que o homem está engendrado pelo meio técnico e tecnológico. É preciso um resgate da política para que o homem possa voltar a se realizar, e dominar sobre a técnica e a tecnologia, e não o inverso.

Referências

AMARAL, M. D. *Alienação, deserto e naufrágio: três metáforas para uma compreensão da geometria do tempo em Hannah Arendt*. Tese [doutorado em filosofia]. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rev. técnica Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

_____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930-54*. Trad. Denise Bottmann. Org. Introd. e Notas Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. *Crises da república*. Trad. José Volkmann. Ver. Antenor Celestino de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

_____. *Denktagebuch. Bd. 1: 1950-1973. Bd. 2: 1973-1975*. Piper, 2002.

_____. *Entre o passado e o futuro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CRAIA, E. C. P. *Gilles Deleuze e a questão da técnica*. 297 p. Tese [doutorado em filosofia]. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.

CORREIA, A. *Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. “O desafio moderno: Hannah Arendt e a sociedade de consumo”. In.: Eduardo Jardim de Moraes; Newton Bignotto Org. *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

DUARTE, A. M. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ECCEL, D. *Entre a política e a metafísica: filosofia política em Hannah Arendt e Eric Voegelin*. 252 p. Tese [Tese em filosofia]. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2015.

HEIDEGGER, M. (1953). *A questão da técnica*. Trad. Marco Aurélio Werle. Scientia Studia, São Paulo, v.5, n.3, p.375-398, 2007.

JUNIOR, O. G. “Ética, técnica, educação”. In.: Eduardo Jardim de Moraes; Newton Bignotto Org. *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MITCHAM, C. *Qué es la filosofía de la tecnología?* Tradução: César Cuello Nieto. Barcelona, Ed. Anthropos, 1989.

SILVA, M. S. S.; XAVIER, D. G. “Hannah Arendt e o conceito de espaço público”, *Revista Profanações*. Ano 2, n. 1, pp. 216-236, jan./jun. 2015.

SCHIO, S. M. *Hannah Arendt: a estética e a política (do juízo estético ao juízo político)*. Tese [doutorado em filosofia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VILLA, D. *Arendt and Heidegger: The fate of the political*. Princeton University Press, New Jersey, 1995.

Recebido em 10/09/2018

Aprovado em 03/12/2018